

DO AUTOR DE
OS PILARES DA TERRA

KEN
FOLLETT



MUNDO
SEM FIM



ARQUEIRO



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

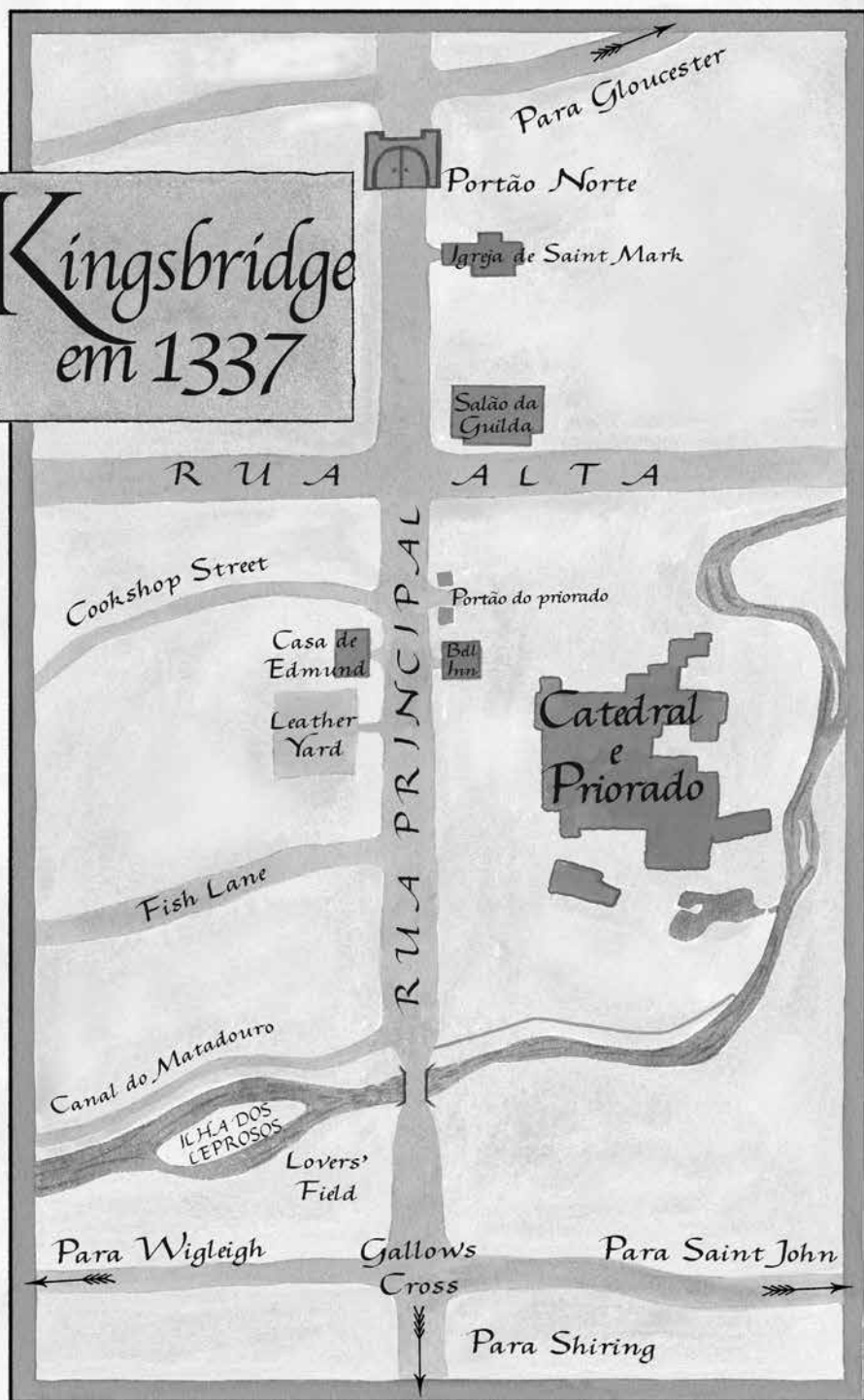
Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

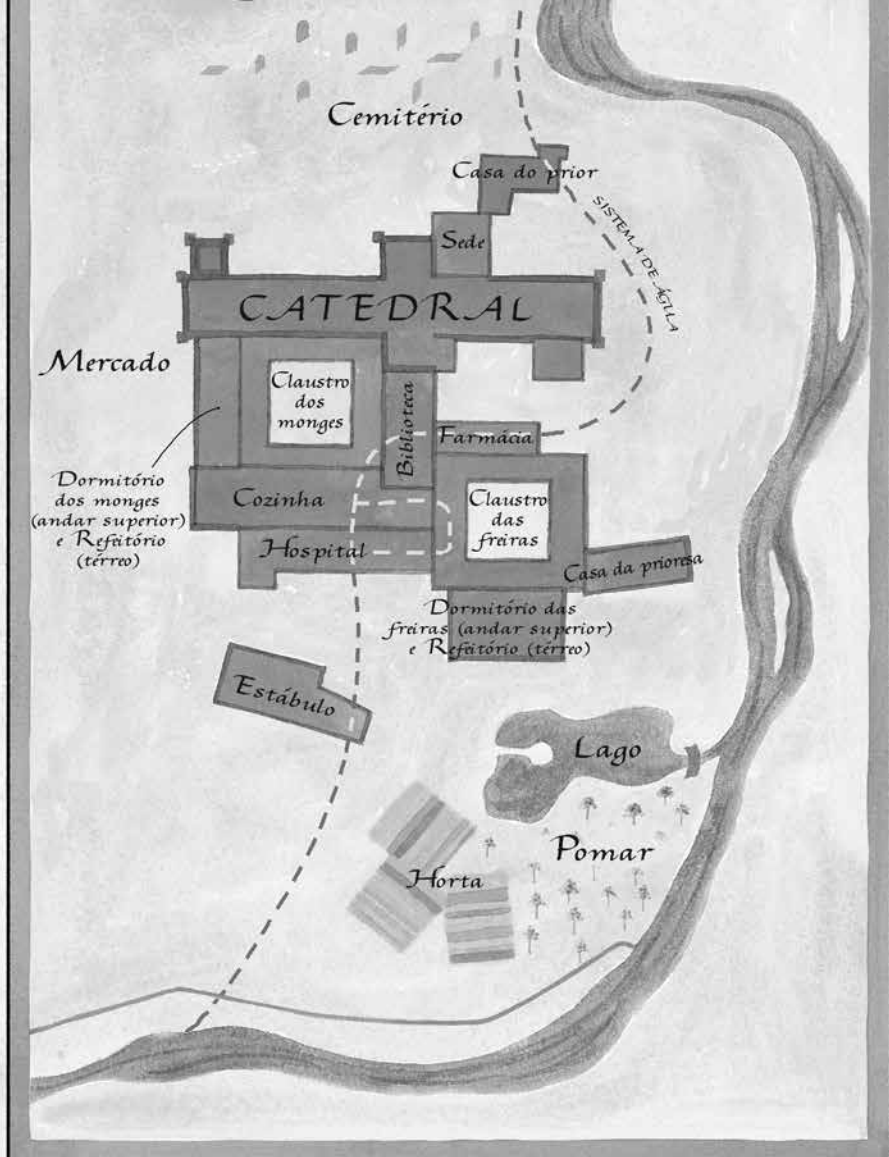
Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

PARA BARBARA

Kingsbridge em 1337



Priorado de Kingsbridge



PARTE I

1^o DE NOVEMBRO
DE 1327

1

Gwenda estava com 8 anos, mas não tinha medo do escuro. Quando abriu os olhos, não conseguiu ver nada, mas não foi isso que a assustou. Sabia onde se encontrava. Estava no priorado de Kingsbridge, deitada no chão, numa cama de palha, no prédio de pedra comprido que chamavam de hospital – um lugar para tratar de doentes, mas que também servia de albergue para pobres e ricos. A mãe estava deitada ao seu lado e Gwenda compreendeu, pelo cheiro de leite quente, que amamentava o bebê que acabara de nascer e ainda nem tinha nome. Do outro lado da mãe estava o pai e, junto de Gwenda, o irmão mais velho, Philemon, de 12 anos.

Havia muita gente no hospital. Embora não pudesse ver as outras famílias deitadas no chão, espremidas como ovelhas num cercado, Gwenda podia sentir o cheiro desagradável dos corpos quentes. Quando o dia amanhecesse, seria Todos os Santos, um domingo naquele ano, e por isso mesmo um dia muito especial. A noite anterior fora um momento perigoso, quando os espíritos do mal vagueavam livres por toda parte. Centenas de pessoas das aldeias ao redor tinham ido para Kingsbridge, como a família de Gwenda, a fim de passar o Dia de Todos os Santos no recinto sagrado do priorado, comparecendo à missa ao amanhecer.

Gwenda era cautelosa com os espíritos do mal, como todas as pessoas sensatas, porém o que teria de fazer durante o serviço religioso a assustava mais.

Ela ficou olhando para o escuro, tentando não pensar no que a deixava apavorada. Sabia que havia uma janela em arco na parede à sua frente. Não tinha vidro – só os prédios mais importantes tinham vidro nas janelas –, mas uma cortina de linho impedia a entrada do ar frio do outono. Porém Gwenda não conseguiu distinguir uma mancha cinzenta mais clara no lugar em que deveria estar a janela. E ficou contente por isso. Não queria que a manhã chegasse.

Não podia ver nada, mas havia muito para escutar. A palha que cobria o chão sussurrava a todo instante, sempre que as pessoas se mexiam durante o sono. Uma criança gritou como se tivesse sido acordada por um pesadelo, mas foi logo silenciada por palavras de carinho. Alguém falava de vez em quando, murmurando durante o sono. Em algum lugar duas pessoas faziam a coisa que os pais faziam, mas sobre a qual nunca falavam, a coisa que Gwenda chamava de grunhido, porque nenhuma outra palavra poderia descrevê-la.

Não demorou muito para que surgisse uma luz. No lado leste do vasto salão,

um monge passou pela porta, carregando uma única vela. Colocou-a ao pé do altar e usou-a para acender uma vela fina e comprida. Saiu pelo salão, encostando a chama nos lampiões. Sua sombra subia pelas paredes a cada vez, a vela de verdade se encontrando com a vela de sombra no pavio de cada lampião.

A claridade crescente iluminava as fileiras de pessoas estendidas no chão, envoltas por seus mantos miseráveis ou aconchegadas nos vizinhos em busca de calor. As pessoas doentes ocupavam os catres perto do altar, onde podiam obter o máximo de benefício da santidade do lugar. No lado oposto havia uma escada que levava ao andar superior, onde ficavam os quartos dedicados aos visitantes aristocráticos: o conde de Shiring estava ali naquele momento, com sua família.

O monge se inclinou sobre Gwenda para acender o lampião por cima de sua cabeça. Fitou-a e sorriu. Ela estudou o rosto à luz bruxuleante das chamas e o reconheceu. Era o irmão Godwyn, jovem e bonito. Na noite anterior ele conversara gentilmente com Philemon.

Ao lado de Gwenda havia outra família de sua aldeia: Samuel, um próspero camponês, que cuidava de uma propriedade grande, a esposa e os dois filhos. O caçula, Wulfric, era um menino irritante de 6 anos que achava que jogar bolotas de carvalho nas meninas e fugir correndo era a coisa mais divertida do mundo.

A família de Gwenda não era rica. O pai não tinha terras e trabalhava para qualquer um que quisesse lhe pagar. Havia sempre trabalho no verão, mas, depois da colheita, quando o tempo começava a esfriar, a família muitas vezes passava fome.

Era por isso que Gwenda tinha de roubar.

Ela se imaginava sendo apanhada: a mão forte de alguém agarrando-a pelo braço, uma voz profunda e cruel dizendo “Ora, ora, uma pequena ladra”, a dor e a humilhação de ser açoitada e, depois, o pior de tudo, a agonia quando sua mão fosse cortada.

O pai sofrera essa punição. Na ponta do braço esquerdo havia um coto horrível, todo enrugado. Ele conseguia fazer as coisas com uma única mão: era capaz de usar uma pá, selar um cavalo, até tecer uma rede para pegar aves. Mesmo assim, era sempre o último trabalhador a ser contratado na primavera e o primeiro a ser dispensado no outono. Nunca poderia deixar a aldeia e procurar trabalho em outros lugares, porque a amputação o marcava como um ladrão e as pessoas se recusariam a contratá-lo. Quando viajava, ele amarrava uma luva recheada no coto, para não ser escorraçado por todo estranho que encontrasse, mas isso também não enganava as pessoas por muito tempo.

Gwenda não testemunhara a punição do pai – ocorrera antes de seu nascimento –, mas a imaginava com frequência. Agora, não podia deixar de pensar na mesma coisa acontecendo com ela. Em sua mente, viu a lâmina do machado descendo para o pulso, cortando pele e ossos, separando a mão do braço, de tal forma que nunca mais ficariam ligados, e teve de ranger os dentes para não gritar.

As pessoas acordavam e se esticavam, esfregando o rosto. Gwenda também se levantou e ajeitou as roupas. Todos os seus trajés haviam pertencido antes ao irmão mais velho. Ela usava uma bata de lã que descia até os joelhos, com uma túnica por cima, presas na cintura por um cinto feito de corda de cânhamo. Os sapatos outrora tiveram cadarços, mas os ilhoses haviam rasgado e os cordões desapareceram. Agora, ela prendia os sapatos com palha trançada. Assim que juntou os cabelos por baixo de uma touca feita de rabos de esquilo, ela terminou de se arrumar.

Olhou para o pai, que indicou furtivamente uma família ali perto, um casal de meia-idade com dois filhos, apenas um pouco maiores do que Gwenda. O homem era baixo e franzino, com uma barba ruiva encrespada. Afivelava uma espada na cintura, o que significava que era um homem de armas ou um cavaleiro, já que as pessoas comuns não tinham permissão para usar espadas. A esposa era magra, com uma atitude brusca e uma expressão mal-humorada. Enquanto Gwenda os examinava, o irmão Godwyn acenou com a cabeça, respeitoso, e disse:

– Bom dia, sir Gerald, lady Maud.

Gwenda viu o que atraía a atenção do pai. Sir Gerald tinha uma bolsa presa ao cinto por uma tira de couro. Parecia estufada. Devia conter várias centenas das pequenas moedas de prata de *penny*, meio *penny* e um quarto de *penny*, o dinheiro inglês... tanto quanto o pai poderia ganhar em um ano inteiro de trabalho, se conseguisse arrumar emprego. Seria mais do que o suficiente para alimentar a família até o plantio da primavera. A bolsa poderia até conter umas poucas moedas de ouro estrangeiras, como florins de Florença ou ducados de Veneza.

Gwenda tinha uma pequena faca numa bainha de madeira, pendurada por um cordão no pescoço. A lâmina afiada cortaria a tira de couro e faria com que a bolsa estufada caísse em sua mão... a menos que sir Gerald percebesse alguma coisa estranha e a agarrasse antes que cometesse o furto...

Godwyn elevou a voz por cima do rumor das conversas:

– Pelo amor de Cristo, que nos ensina a caridade, será servida uma refeição depois do serviço de Todos os Santos. Até lá, há água para beber na fonte do pátio. Por favor, não deixem de usar as latrinas lá fora... Nada de urinar dentro do prédio!

Os monges e as freiras eram rigorosos com a higiene. À noite, Godwyn surpreendera um menino de 6 anos urinando num canto e expulsara sua família inteira. A menos que tivessem um *penny* para dormir numa taverna, teriam passado a fria noite de outubro estremecendo no chão de pedra do pórtico norte da catedral. Havia também uma proibição para animais. Hop, o cachorro de três pernas de Gwenda, fora banido. E ela se perguntava onde o animal passara a noite.

Depois que todos os lampiões foram acesos, Godwyn abriu a enorme porta de madeira para o exterior. O ar frio da noite gelou as orelhas e a ponta do nariz de Gwenda. Quando sir Gerald e a família se encaminharam para a porta, o pai e a mãe foram atrás. Gwenda e Philemon seguiram o exemplo.

Philemon sempre fora o encarregado de roubar. Mas, no dia anterior, quase fora apanhado no mercado de Kingsbridge. Pegara um pequeno pote de óleo caríssimo do estande de um mercador italiano, mas o deixara cair, à vista de todos. Por sorte, o pote não quebrara ao bater no chão, então o garoto fingira tê-lo derrubado acidentalmente.

Até bem pouco tempo atrás, Philemon era pequeno e apagado, não chamava a atenção de ninguém. Mas, durante o último ano, crescera bastante, adquirira uma voz grave, tornara-se desajeitado, como se não conseguisse se acostumar ao novo tamanho de seu corpo. Depois do incidente com o pote de óleo, o pai anunciara que Philemon era agora grande demais para o furto sistemático; dali por diante, essa incumbência seria de Gwenda.

Fora por isso que ela permanecera acordada durante boa parte da noite.

O nome de Philemon na verdade era Holger. Quando tinha 10 anos, ele decidira que seria monge e dissera a todo mundo que mudara o nome para Philemon, que parecia mais religioso. Numa reação surpreendente, a maioria das pessoas atendeu a seu desejo, embora o pai e a mãe continuassem a chamá-lo de Holger.

Eles passaram pela porta e viram duas fileiras de freiras trêmulas, segurando tochas acesas, para iluminar o caminho do hospital até a enorme porta oeste da catedral de Kingsbridge. As sombras cabriolavam à luz das tochas, como se duendes e diabinhos da noite anterior estivessem à espreita ali, mantidos a distância apenas pela santidade das freiras.

Gwenda pensava que encontraria Hop esperando lá fora, mas não o avistou. Talvez ele tivesse encontrado algum lugar quente para dormir. Enquanto seguiam para a catedral, o pai deu um jeito de permanecerem próximos de sir Gerald. Alguém deu um puxão doloroso nos cabelos de Gwenda, por trás. Ela soltou um grito estridente, pensando que era um duende. Virou-se para descobrir que era Wulfric, seu vizinho de 6 anos. Ele se afastou para longe de seu

alcance, rindo. Mas o pai de Wulfric berrou “Comporte-se!” e deu um cascudo na cabeça dele. O menino começou a chorar.

A vasta catedral era uma massa informe pairando acima da multidão amontoada. Só as partes inferiores eram nítidas, arcadas e janelas iluminadas em laranja e vermelho pela luz bruxuleante das tochas. A procissão passou a andar mais devagar ao se aproximar da entrada da catedral, e Gwenda avistou os moradores da cidade, que vinham da direção oposta. Havia centenas de pessoas, pensou ela, talvez milhares, embora não soubesse o que seria mil, pois não era capaz de contar até um número tão alto.

A multidão avançava lentamente pela entrada. A luz irrequieta das tochas incidia sobre as figuras esculpidas nas paredes, dando a impressão de que se empenhavam numa dança delirante. Havia demônios e monstros no nível mais baixo. Gwenda olhou assustada para dragões e grifos, um urso com cabeça de homem, um cachorro com dois corpos e um único focinho. Alguns demônios lutavam contra humanos: um deles punha um laço no pescoço de um homem, um monstro parecido com uma raposa arrastava uma mulher pelos cabelos, uma águia com mãos espetava com uma lança um homem nu. Por cima dessas cenas, os santos formavam uma fileira, abrigados sob dosséis; mais no alto, os apóstolos se sentavam em seus tronos; depois, na arcada sobre a porta principal, São Pedro com sua chave e São Paulo com um pergaminho olhavam em adoração para Jesus Cristo lá no alto.

Gwenda sabia que Jesus estava lhe dizendo para não pecar ou seria torturada pelos demônios, mas os humanos a assustavam mais do que os espíritos do mal. Se não conseguisse roubar a bolsa de sir Gerald, seria açoitada pelo pai. Pior ainda, não haveria nada para a família comer além de sopa feita com bolotas de carvalho. Ela e Philemon passariam fome por semanas. Os seios da mãe secariam e o bebê morreria, como os dois últimos. O pai desapareceria por vários dias e voltaria sem nada para a panela, apenas uma garça magricela ou um par de esquilos. Sentir fome era pior do que ser açoitada... doía por mais tempo.

Aprendera a cometer pequenos furtos ainda bem pequena: uma maçã de uma barraca, um ovo retirado de baixo da galinha do vizinho, uma faca que um bêbado descuidado largava na mesa de uma taverna. Mas roubar dinheiro era diferente. Se fosse apanhada ao pegar a bolsa de sir Gerald, não adiantaria desatar a chorar e torcer para ser tratada como uma criança travessa, como acontecera uma vez, depois que roubara um par de sapatos de couro de uma freira de coração mole. Cortar o cordão de couro da bolsa de um cavaleiro não era um pecado infantil, mas um crime de adulto, e seria tratado de acordo.

Ela tentou não pensar a respeito. Era pequena, ágil e rápida. Pegaria a bolsa furtivamente, como um fantasma... desde que conseguisse não tremer.

A vasta catedral já estava lotada. Monges encapuzados seguravam tochas nos corredores laterais, projetando clarões vermelhos irrequietos. As sucessivas colunas da nave subiam pela escuridão. Gwenda permaneceu perto de sir Gerald enquanto a multidão avançava para o altar. O cavaleiro de barba ruiva e sua esposa magricela não a notaram. Os dois meninos não prestavam mais atenção a ela do que às paredes de pedra da catedral. A família de Gwenda ficou para trás e ela não os viu mais.

A nave se encheu depressa. Gwenda nunca vira tantas pessoas no mesmo lugar; estava mais movimentada do que a campina verde no dia de mercado. As pessoas se cumprimentavam com jovialidade, sentindo-se a salvo dos espíritos do mal naquele lugar sagrado. O som de todas as conversas se juntava num rugido.

Até que o sino tocou e todos se calaram.

Sir Gerald estava ao lado de uma família da cidade. Todos usavam mantos de bom tecido, o que indicava que o chefe devia ser negociante de lã. Ao lado do cavaleiro havia uma garota que devia ter 10 anos. Gwenda se postou atrás de sir Gerald e da garota. Tentou passar despercebida, mas, para sua consternação, a garota olhou para trás e sorriu, tranquilizadora, como se lhe dissesse que não precisava ficar assustada.

Ao longo das paredes, os monges começaram a apagar as tochas, uma a uma, até que a ampla catedral ficou mergulhada na mais absoluta escuridão. Gwenda especulou se a garota rica se lembraria dela mais tarde. Não se limitara a lançar um olhar para Gwenda e depois a ignorara, como as pessoas costumavam fazer. Notara-a, previra que poderia ficar assustada e lhe oferecera um sorriso cordial. Mas havia centenas de crianças na catedral. Ela não poderia ter percebido as feições de Gwenda com nitidez havendo tão pouca luz ali... ou poderia? Gwenda tentou remover a preocupação de sua mente.

Invisível naquela penumbra, adiantou-se e se esgueirou sem fazer barulho entre as duas figuras. Sentiu a lã macia do manto da garota num lado e o tecido mais áspero do manto do cavaleiro no outro. Agora se encontrava em posição de alcançar a bolsa.

Levou a mão ao pescoço e tirou a pequena faca da bainha.

O silêncio foi rompido por um terrível grito. Gwenda já esperava por isso – a mãe explicara o que aconteceria durante o serviço religioso –, mas mesmo assim ficou atordoada. Parecia que alguém estava sendo torturado.

Depois houve um estrondo, como se alguém estivesse batendo numa placa de

metal. Mais ruídos se seguiram: gemidos, risadas ensandecidas, uma trompa de caça, barulho de correntes, o repicar de um sino. Na congregação, uma criança começou a chorar, logo seguida por outras. Alguns adultos soltavam risadas nervosas. Sabiam que os ruídos eram feitos por monges, mas ainda assim era uma cacofonia infernal.

Não era o melhor momento para pegar a bolsa, pensou Gwenda, amedrontada. Todos estavam tensos, alertas. O cavaleiro seria sensível a qualquer toque.

O ruído diabólico foi se tornando mais e mais alto, até que um novo som interveio: música. A princípio, foi tão baixo que Gwenda não pôde ter certeza se ouvira mesmo, mas pouco a pouco o volume foi aumentando. As freiras cantavam. Gwenda sentiu seu corpo dominado pela tensão. O momento se aproximava. Movendo-se como um espírito, imperceptível como o ar, ela se virou, a fim de ficar de frente para sir Gerald.

Sabia exatamente o que ele vestia: uma grossa túnica comprida de lã, presa na cintura por um cinto largo e tachonado. Por cima da túnica, usava um manto bordado, caro mas velho, com botões de osso amarelados na frente. Fechara alguns botões, mas não todos, provavelmente por causa da indolência do sono ou porque a caminhada do hospital até a catedral era curta.

Com um toque tão leve quanto possível, Gwenda encostou a mão no manto. Imaginou os dedos como uma aranha, tão pequena que o homem não poderia senti-la. A mão de aranha deslizou pela frente do manto e encontrou a abertura. Enfiou-se por baixo da beira do manto e avançou pelo cinto largo até encontrar a bolsa.

O pandemônio diminuía à medida que a música se tornava mais alta. Da frente da congregação veio um murmúrio de reverência. Gwenda não podia ver nada, mas sabia que um lampião fora aceso no altar para iluminar um relicário de ouro e marfim, uma caixa elaborada contendo os ossos de Santo Adolfo, que não estavam ali quando as tochas se apagaram. A multidão se adiantou, todos querendo chegar mais perto das relíquias sagradas. Ao sentir que era espremida entre sir Gerald e o homem à frente, Gwenda ergueu a mão direita e encostou o gume da faca no cordão da bolsa.

O couro era duro e seu primeiro movimento não foi suficiente para cortá-lo. Serrou-o freneticamente com a faca, torcendo de forma desesperada para que sir Gerald estivesse tão interessado na cena no altar que não notasse o que acontecia debaixo de seu nariz. Olhou para cima e viu que já era possível distinguir alguns contornos das pessoas ao redor: os monges e as freiras acendiam as velas. A clareza aumentaria a cada momento. Quase não lhe restava tempo.

Ela deu um puxão mais forte na faca e sentiu que a tira de couro cedia. Sir

Gerald soltou um grunhido baixo: sentira alguma coisa ou reagia ao espetáculo no altar? A bolsa caiu e parou na sua mão, mas era muito grande para que a seguisse com facilidade e começou a escapular. Por um momento terrível, Gwenda pensou que a deixaria cair e a perderia no chão, entre os pés indiferentes da multidão. Mas depois conseguiu segurá-la com firmeza.

Experimentou um momento de alívio e alegria: estava com a bolsa.

Mas ainda corria um tremendo perigo. O coração batia tão alto que a menina tinha a sensação de que todos ao redor podiam ouvi-lo. Virou-se depressa, ficando de costas para o cavaleiro. No mesmo movimento, enfiou a bolsa recheada pela frente da túnica. Podia sentir que formava uma protuberância, pendendo como a barriga de um velho. Deslocou-a para o lado, onde ficaria parcialmente coberta pelo braço. Ainda seria visível quando a claridade aumentasse, mas não tinha outro lugar para guardá-la.

Meteu a faca na bainha. Agora tinha de escapar depressa, antes que sir Gerald notasse a perda... mas a pressão dos fiéis, que a ajudara a pegar a bolsa sem ser notada, agora obstruía a fuga. Tentou recuar, na esperança de encontrar uma brecha entre os corpos por trás, mas todos ainda tentavam se adiantar, na esperança de ver os ossos do santo. Ela estava acuada, incapaz de se mover, bem na frente do homem que acabara de roubar.

– Você está bem? – murmurou uma voz em seu ouvido.

Era a garota rica. Gwenda fez um esforço para conter o pânico. Precisava ser invisível. Uma criança mais velha prestativa era a última coisa que desejava naquele momento. Não disse nada.

– Tomem cuidado – disse a garota às pessoas ao redor. – Estão espremendo a menina.

Gwenda teve vontade de gritar. A gentileza da garota rica poderia fazer com que sua mão fosse cortada.

Desesperada para escapar, ela estendeu as mãos para o homem à sua frente e o empurrou, mas não conseguiu afastá-lo. Só conseguiu atrair a atenção de sir Gerald.

– Não consegue ver nada aí embaixo, não é? – murmurou sua vítima, gentil.

E, para seu horror, sir Gerald a pegou por baixo dos braços e a levantou.

Gwenda estava impotente. A mão enorme do homem estava a poucos centímetros de sua axila, onde escondera a bolsa. Virou-se para a frente, a fim de que ele só pudesse ver a parte posterior de sua cabeça. Olhou por cima da multidão para o altar, onde monges e freiras acendiam mais velas e cantavam para o santo falecido havia tanto tempo. Além deles, uma tênue claridade brilhava através da

janela de rosácea: o dia amanhecia, expulsando os espíritos do mal. O clangor cessara agora e o canto aumentava de intensidade. Um monge alto e bonito subiu para o altar. Gwenda reconheceu Anthony, o prior de Kingsbridge. Ele ergueu as mãos numa bênção e disse, bem alto:

– E assim, mais uma vez, pela graça de Cristo Jesus, o mal e as trevas deste mundo são banidos pela harmonia e pela luz da santa Igreja de Deus.

A congregação deixou escapar um rugido triunfante, para depois começar a relaxar. O clímax da cerimônia passara. Gwenda se contorceu. Sir Gerald entendeu a mensagem e pôs a menina no chão. Com o rosto virado para o outro lado, ela se afastou, seguindo para o fundo da multidão. As pessoas não se sentiam mais ansiosas em ver o altar, e ela pôde esgueirar-se entre os corpos. Quanto mais se distanciava, mais fácil era, até que finalmente avistou a grande porta oeste e encontrou sua família.

O pai a fitava em expectativa, pronto para um acesso de fúria se ela tivesse fracassado. Gwenda tirou a bolsa de baixo da túnica e a estendeu, contente por se livrar daquilo. O pai pegou a bolsa e a abriu para um olhar furtivo no conteúdo. E deu um sorriso de satisfação. Entregou-a à mãe, que a escondeu nas dobras da manta que agasalhava o bebê.

A provação terminara, mas o risco ainda não.

– Uma garota rica me notou – avisou Gwenda, notando a estridência do medo na própria voz.

Os olhos pequenos e escuros do pai faiscaram com raiva.

– Ela viu o que você fez?

– Não. Mas disse aos outros para não me espremerem. E depois o cavaleiro me levantou para que eu pudesse ver melhor o altar.

A mãe soltou um gemido baixo. O pai resmungou:

– Então ele viu seu rosto.

– Fiquei virada para o outro lado durante todo o tempo.

– Mesmo assim, é melhor ele nunca mais se encontrar com você. Não vamos voltar para o hospital. Comeremos o desjejum numa taverna.

– Não podemos nos esconder o dia inteiro – disse a mãe.

– Tem razão. Mas podemos sumir no meio da multidão.

Gwenda começou a se sentir melhor. O pai parecia pensar que não havia nenhum perigo real. De qualquer forma, ficava mais segura porque o pai assumira o comando, tirando a responsabilidade dela.

– Além do mais – acrescentou o pai –, estou com vontade de comer pão e carne em vez do mingau aguçado dos monges. Agora podemos pagar.

Eles deixaram a catedral. O céu era de um cinza perolado com a claridade do amanhecer. Gwenda queria segurar a mão da mãe, mas o bebê começou a chorar e atraiu por completo a atenção da mãe. Foi nesse instante que Gwenda avistou um cachorrinho de três pernas, branco, de cara preta, que, de modo familiar, chegava correndo de lado ao adro da catedral.

– Hop! – gritou ela, pegando o cachorro nos braços e apertando-o com força.

2

Merthin tinha 11 anos, um a mais do que o irmão Ralph, mas, para sua intensa irritação, Ralph era mais alto e mais forte.

Isso causava problemas com os pais. O pai, sir Gerald, era um homem de armas, e não podia esconder seu desapontamento quando Merthin se mostrava incapaz de levantar a pesada lança ou ficava exausto antes de terminar de cortar uma árvore, ou voltava para casa chorando depois de perder uma briga. A mãe, lady Maud, piorava ainda mais a situação, envergonhando Merthin com sua atitude superprotetora, quando o menino precisava mesmo era que ela fingisse que não notava. Sempre que o pai demonstrava orgulho pela força de Ralph, a mãe tentava compensar com críticas à sua estupidez. Como era um pouco lento para compreender as coisas, Ralph era escarnecido pelos outros meninos, o que o deixava furioso e o levava a brigar.

Os pais estavam nervosos na manhã do Dia de Todos os Santos. O pai nem quisera ir a Kingsbridge. Mas fora obrigado. Devia dinheiro ao priorado e não tinha como pagar. A mãe dizia que os monges tomariam suas terras: ele era senhor de três aldeias perto de Kingsbridge. O pai lhe lembrara que era descendente direto de Thomas, que se tornara conde de Shiring no ano em que o arcebispo Becket fora assassinado pelo rei Henrique II. Esse conde Thomas era filho de Jack Builder, o arquiteto da catedral de Kingsbridge, e de lady Aliena de Shiring... um casal quase lendário, cuja história era contada nas longas noites de inverno, junto com os relatos heroicos de Carlos Magno e Roland. Com tais ancestrais, sir Gerald não podia ter as terras confiscadas por qualquer monge, ele berrava, muito menos por aquele velho assustado que era o prior Anthony. Quando ele começava a gritar, uma expressão de resignação cansada se estampava no rosto de Maud, que se virava em seguida. Merthin já a ouvira murmurar:

– Lady Aliena tinha um irmão, Richard, que só sabia lutar, não servia para qualquer outra coisa.

O prior Anthony podia ser um velho, mas pelo menos fora homem suficiente para se queixar das dívidas não pagas de sir Gerald. Procurara o suserano do homem, o atual conde de Shiring, que era também primo em segundo grau de Gerald. O conde Roland o convocara a Kingsbridge hoje, para um encontro com o prior, no qual tentariam achar uma solução. Era esse o motivo do mau humor do pai.

E, ainda por cima, ele fora roubado.

Só descobrira a perda depois do serviço religioso de Todos os Santos. Merthin apreciara o ar dramático da catedral: a escuridão, os estranhos ruídos, a música começando suavemente e depois aumentando de intensidade, até que parecia vibrar em toda a vasta catedral, e no final as velas sendo acesas uma a uma, devagar. Também notara, quando a claridade começava a aumentar, que algumas pessoas haviam tirado proveito da escuridão para cometer pequenos pecados, pelos quais podiam agora ser perdoadas: vira dois monges parando de se beijar abruptamente e um mercador tirando a mão furtiva do seio roliço de uma mulher que sorria, mesmo parecendo ser esposa de outro. Merthin ainda se encontrava num clima de excitação quando voltaram ao hospital.

Enquanto esperavam que as freiras servissem a refeição, um garoto da cozinha passou por perto e subiu a escada, levando uma bandeja com uma travessa de carne assada e um jarro de cerveja, a bebida maltada, escura e amarga. A mãe comentou, irritada:

– Acho que seu parente, o conde, poderia nos convidar para comer com ele em seu aposento particular. Afinal, sua avó era irmã do avô dele.

– Se você não quer o mingau, podemos comer na taverna – respondeu o pai.

Merthin ficou alerta no mesmo instante. Gostava de comer na taverna, do pão fresco e da manteiga salgada. Mas a mãe disse:

– Não podemos pagar.

– Claro que podemos – disse o pai, estendendo a mão para a bolsa, e foi nesse instante que descobriu que ela havia desaparecido.

A princípio, ele olhou para o chão ao redor, como se pudesse ter caído naquele momento, e então notou a ponta cortada da tira de couro. Rugiu com indignação. Todos olharam para ele, exceto a mãe, que se virou, e Merthin a ouviu murmurar:

– Era todo o dinheiro que tínhamos.

O pai lançou olhares acusadores para as pessoas próximas. A cicatriz comprida, que se estendia da têmpora direita ao olho esquerdo, pareceu escurecer com a raiva. Houve um silêncio tenso: um cavaleiro furioso era sempre um perigo, mesmo sendo um cavaleiro que parecia caído em desgraça.

– Você foi roubado na catedral, com toda a certeza – comentou a mãe na mesma hora.

Merthin refletiu que devia ter sido mesmo isso. No escuro, as pessoas haviam roubado mais do que beijos.

– Sacrilégio ainda por cima! – exclamou o pai.

– Acho que aconteceu quando você levantou aquela menina – disse a mãe, com o rosto todo contorcido, como se tivesse acabado de engolir algo amargo. – O ladrão deve ter se inclinado por trás para alcançar sua cintura.

– Ele deve ser encontrado! – gritou o pai.

O jovem monge chamado Godwyn interveio:

– Lamento muito que isso tenha acontecido, sir Gerald. Vou comunicar imediatamente a John Constable, o chefe da guarda. Ele pode procurar por um morador da cidade que se tornou rico de repente.

Merthin refletiu que era um plano pouco promissor. Havia milhares de moradores da cidade e mais centenas de visitantes. A guarda não poderia vigiar todos.

Mas o pai se mostrou um pouco apaziguado.

– O patife será enforcado! – bradou ele, a voz um pouco menos elevada.

– Enquanto isso, talvez você, lady Maud e seus filhos queiram nos conceder a honra de sentar à mesa que está sendo armada diante do altar – murmurou Godwyn, deferente.

O pai soltou um grunhido. Sentia-se satisfeito, Merthin sabia, por lhe ser concedido um reconhecimento acima do da massa dos convidados, que se sentariam no chão, onde haviam dormido.

O momento de violência potencial passou. Merthin relaxou um pouco. Enquanto os quatro se sentavam à mesa, no entanto, ele especulou sobre o que poderia acontecer agora com a família. O pai era um bravo guerreiro... todos diziam isso. Sir Gerald lutara pelo velho rei em Boroughbridge, onde a espada de um rebelde do Lancashire abria a cicatriz em sua testa. Mas era um homem sem sorte. Alguns cavaleiros voltavam da batalha com despojos: apoderavam-se de joias, carroças com dispendiosos tecidos flamengos ou sedas italianas ou com o amado pai de uma família nobre, que podia ser resgatado por mil libras. Sir Gerald, porém, nunca conseguira muitos espólios. Pelo contrário, ainda tinha de comprar armas, uma armadura e um caríssimo cavalo de guerra para poder cumprir seu dever e servir ao rei; e, por algum motivo, os rendimentos de suas terras nunca eram suficientes. Por isso, contra a vontade da mãe, ele começara a tomar empréstimos.

Empregados da cozinha trouxeram um caldeirão fumegante. A família de sir Gerald foi servida primeiro. O mingau era feito com cevada e temperado com alecrim e sal. Ralph, que não compreendia a crise da família, começou a falar muito excitado sobre o serviço de Todos os Santos. Mas acabou se calando, por causa do silêncio sombrio com que seus comentários foram recebidos.

Depois de comer o mingau, Merthin foi até o altar. Escondera seu arco e as

flechas atrás dele. As pessoas hesitariam em roubar qualquer coisa de um altar. Ainda poderiam superar o medo se a recompensa fosse bastante tentadora, mas não era o caso de um arco tosco e umas poucas flechas. Ainda estavam onde os deixara.

Sentia-se orgulhoso de seu arco. Era pequeno, é claro: para dobrar um arco normal, com quase 2 metros, era preciso toda a força de um homem adulto. O arco de Merthin tinha pouco mais de um metro de comprimento e era fino, mas, sob outros aspectos, parecia o arco inglês de combate, que matara tantos homens das montanhas escocesas, rebeldes galeses e cavaleiros franceses de armadura.

O pai não fizera antes qualquer comentário sobre o arco. Agora, deu a impressão de que o via pela primeira vez.

– Onde consegui essa madeira curva? – indagou ele. – Custa muito caro.

– Não esta, porque é muito curta. Foi um fabricante de arcos que me deu.

O pai balançou a cabeça.

– A não ser por isso, é perfeita – disse. – Foi cortada da parte interna do telhado, onde o alburno se encontra com o cerne. – Ele apontou para as duas cores diferentes.

– Sei disso – respondeu Merthin com ansiedade, pois não era sempre que tinha a oportunidade de impressionar o pai. – O alburno é melhor para a frente do arco, porque o puxa de volta para o formato original, e o cerne mais duro é melhor para a parte interna da curva, porque empurra de volta quando o arco é dobrado para dentro.

– Exatamente. – O pai devolveu o arco. – Mas lembre-se de que essa não é a arma de um nobre. Filhos de cavaleiros não se tornam arqueiros. Dê para o filho de algum camponês.

Merthin ficou desolado.

– Mas ainda nem experimentei!

A mãe interveio:

– Deixe os dois brincarem. São apenas meninos.

– Tem razão – murmurou o pai, perdendo o interesse. – Será que esses monges nos trariam um jarro de cerveja?

– Lá vai você de novo – resmungou a mãe. – Merthin, tome conta de seu irmão.

– O inverso é mais provável – resmungou o pai.

O garoto ficou contrariado. O pai não tinha a menor ideia do que acontecia. Ele, Merthin, podia cuidar de si mesmo, mas Ralph, sozinho, sempre se metia em confusão. Merthin sabia, no entanto, que era melhor não contrariar o pai naquele humor. Por isso, deixou o hospital sem dizer mais nada. Ralph o seguiu.

Era um dia claro e frio de novembro. O céu era formado por nuvens de um cinza-claro. Deixaram a catedral lado a lado e desceram pela rua principal, passando pela Fish Lane, o Leather Yard e a Cookshop Street. Na base da colina, atravessaram a ponte de madeira sobre o rio, deixando a cidade rumo à comunidade suburbana chamada de Newtown. As ruas ladeadas por casas de madeira passavam entre pastos e hortas. Merthin seguiu na frente até uma campina conhecida como Lovers' Field, o campo dos namorados. Ali, o chefe da guarda da cidade e seus ajudantes haviam colocado tocos de árvores... alvos para os arqueiros. A prática de arco e flecha depois do serviço religioso era obrigatória para todos os homens, por ordem do rei.

Não havia necessidade de impor o cumprimento da determinação real, afinal, não era difícil ou extenuante disparar algumas flechas na manhã de domingo. Por isso, havia uma centena ou mais de jovens em fila, esperando sua vez, observados por mulheres, crianças e homens que se consideravam velhos ou distintos demais para serem arqueiros. Alguns tinham as próprias armas. Para os que eram pobres demais e não tinham condições de comprar, John Constable punha à disposição arcos de treino baratos, feitos de teixo ou aveleira.

Era como um dia de festival. Dick Brewer vendia canecas de cerveja, de um barril instalado numa carroça. As quatro filhas adolescentes de Betty Baxter circulavam com bandejas de pães temperados para vender. Os habitantes mais ricos estavam bem agasalhados, com gorros de pele e sapatos novos; até mesmo as mulheres mais pobres haviam arrumado os cabelos e enfeitado seus mantos com trançados novos.

Merthin era o único que tinha um arco e por isso logo atraiu a atenção das outras crianças. Ele e Ralph foram cercados, os meninos fazendo perguntas invejosas, as meninas com olhares de admiração ou desdém, dependendo do temperamento de cada uma. Uma delas indagou:

– Como conseguiu fazer um arco?

Merthin a reconheceu: ela ficara perto dele na catedral. Era cerca de um ano mais jovem, calculou ele, usava um vestido e um manto caros, de lã bem fechada. De modo geral, Merthin achava que as meninas de sua idade eram insuportáveis: riam muito e se recusavam a levar qualquer coisa a sério. Mas aquela o fitava e a seu arco com uma curiosidade franca, que não podia deixar de lhe agradecer.

– Acho que aprendi sozinho.

– Isso é muito bom. Funciona direito?

– Ainda não experimentei. Qual é o seu nome?

– Caris, da família Wooler. E você?

– Merthin. Meu pai é sir Gerald. – Merthin empurrou para trás o capuz do manto e pegou lá dentro a corda enrolada do arco.

– Por que guarda a corda no capuz?

– Para não molhar se chover. É o que fazem os arqueiros de verdade.

Ele prendeu a corda nas aberturas nas extremidades do arco, dobrando-o um pouco para que a tensão a mantivesse no lugar.

– Vai atirar nos alvos?

– Vou.

– Não deixarão – interveio outro menino.

Merthin o fitou. O garoto tinha cerca de 12 anos, era alto e magro e tinha pés e mãos grandes. Merthin o vira na noite anterior no hospital com a família: seu nome era Philemon. Assediara os monges, fazendo perguntas. Ajudara a servir a ceia.

– Claro que deixarão – declarou Merthin. – Por que não deixariam?

– Porque você é jovem demais.

– Isso não faz sentido.

Mesmo enquanto falava, Merthin sabia que não deveria se sentir tão seguro: os adultos muitas vezes eram estúpidos. Mas o fato de Philemon pressupor que sabia mais que ele o irritara, sobretudo depois que Merthin demonstrara tanta confiança na frente de Caris.

Ele deixou os dois e se aproximou de um grupo de homens que esperavam para usar um alvo. Reconheceu um deles: um homem muito alto, de ombros largos, chamado Mark Webber. Mark olhou para o pequeno arco e perguntou a Merthin:

– Onde conseguiu isso?

– Eu que fiz – respondeu Merthin, orgulhoso.

– Dê uma olhada, Elfric – disse Mark para o homem ao seu lado. – Ele fez um bom trabalho.

Elfric era musculoso e tinha uma expressão astuta. Lançou um olhar superficial para o arco e comentou, desdenhoso:

– É muito pequeno. Nunca vai disparar uma flecha capaz de penetrar a armadura de um cavaleiro francês.

– Talvez não – admitiu Mark, em tom suave. – Mas creio que o rapaz ainda vai esperar um ou dois anos antes de enfrentar os franceses.

John Constable gritou nesse instante:

– Estamos prontos para começar! Mark Webber, você é o primeiro.

O gigante se adiantou até a linha de tiro. Pegou um arco e o testou, dobrando a madeira grossa sem o menor esforço. Constable notou pela primeira vez a presença de Merthin.

- Nada de meninos – declarou.
- Por que não? – protestou Merthin.
- Não importa por quê. Apenas saia daí para não atrapalhar.

Merthin ouviu os risos zombeteiros das outras crianças.

- Não há motivo para me impedir! – insistiu ele, indignado.
- Não tenho de lhe dar explicações. Muito bem, Mark, pode atirar.

Merthin ficou mortificado. O seboso Philemon provara na frente de todos que ele estava errado. Ele voltou para junto das crianças.

- Eu disse que não ia conseguir – comentou Philemon.

- Ora, cale a boca e vá embora!

- Não pode me obrigar a ir embora – declarou Philemon, que era 15 centímetros mais alto do que Merthin.

- Mas eu posso – interveio Ralph.

Merthin suspirou. Ralph era sempre leal, mas não percebia que essa briga faria Merthin parecer fraco, além de idiota.

- Preciso ir embora, de qualquer maneira – disse Philemon. – Tenho de ajudar o irmão Godwyn.

Ele se afastou. As outras crianças se dispersaram, em busca de novas curiosidades.

- Você pode experimentar o arco em outro lugar – sugeriu Caris a Merthin. Era evidente que ela estava ansiosa para ver o que aconteceria. Ele olhou ao redor.

- Mas onde?

Se fosse visto praticando sem supervisão, poderiam lhe tirar o arco.

- Podemos ir para a floresta.

Merthin ficou surpreso. Crianças não podiam entrar na floresta. Malfeitores se escondiam ali, homens e mulheres que viviam do roubo. As crianças podiam perder suas roupas ou virar escravas... e havia perigos ainda piores, que os pais apenas insinuavam. E, mesmo que escapassem desses perigos, as crianças ainda corriam o risco de serem açoitadas pelos pais, por terem violado as regras.

Mas Caris parecia não ter medo, e Merthin não queria dar a entender que era menos corajoso do que ela. Além do mais, a maneira brusca como fora dispensado por Constable o levava a ser desafiador.

- Está bem. Mas precisamos ter certeza de que ninguém nos verá.

Caris também tinha uma solução:

- Conheço um caminho.

Ela seguiu na direção do rio. Merthin e Ralph foram atrás. Um cachorro pequeno, de três pernas, os acompanhou.

- Qual é o nome do seu cachorro? – perguntou Merthin a Caris.

– Ele não é meu. Mas lhe dei um pedaço de toucinho mofado e agora não consigo me livrar dele.

Foram andando pela margem lamacenta do rio, passando por armazéns, cais e barcaças. Merthin estudava discretamente a garota que se tornara líder sem qualquer esforço. Tinha um rosto quadrado e determinado que não era bonito nem feio. Havia malícia nos olhos esverdeados com manchas de um castanho dourado. Os cabelos castanho-claros estavam presos em duas tranças, como era a moda entre as mulheres das classes mais prósperas. As roupas eram caras, mas as botas eram práticas, de couro, em vez dos sapatos de pano bordados que as damas da nobreza preferiam.

Ela se afastou do rio. Passaram por uma serraria e entraram numa área de mato baixo. Merthin sentiu uma pontada de apreensão. Agora que estavam na floresta, onde poderia haver um bandido à espreita por trás de qualquer carvalho, ele se arrependia de sua bravata, mas ficaria envergonhado se recuasse.

Continuaram a andar, à procura de uma clareira para praticar com arco e flecha. De repente Caris disse em voz baixa, num tom de conspiração:

– Estão vendo aquela moita grande de azevinho?

– Claro.

– Assim que passarmos por ali, agachem-se junto comigo e não façam barulho.

– Por quê?

– Você já vai descobrir.

Um momento depois, os três se agacharam por trás da moita. O cachorro de três pernas se sentou também, olhando esperançoso para Caris. Ralph começou a fazer uma pergunta, mas ela fez um gesto para que se calasse.

Um minuto depois, uma menina apareceu. Caris se levantou de um pulo e a segurou. A garota gritou.

– Não grite! – ordenou Caris. – Estamos perto da estrada e não queremos ser ouvidos. Por que está nos seguindo?

– Vocês estão com meu cachorro, e ele não quer voltar! – soluçou a menina.

– Conheço você... nos encontramos na catedral esta manhã – disse Caris, com o tom de voz mais suave. – Não precisa gritar. Não vamos lhe fazer nenhum mal. Qual é o seu nome?

– Gwenda.

– E o cachorro?

– Hop. – Gwenda pegou o cachorro, que lambeu suas lágrimas.

– Está com ele agora. É melhor continuar conosco, porque ele pode fugir de novo. Além do mais, não conseguiria encontrar o caminho de volta para a cidade sozinha.

Continuaram a andar.

– O que tem oito braços e onze pernas? – perguntou Merthin.

– Eu desisto – disse Ralph no mesmo instante.

Ele sempre desistia.

– Eu sei – disse Caris, sorrindo. – Somos nós. Quatro crianças e o cachorro. –

Ela riu e arrematou: – Essa é boa.

Merthin ficou satisfeito. As pessoas nem sempre entendiam suas piadas; as garotas, quase nunca. Um momento depois, eles ouviram Gwenda explicar a Ralph:

– Dois braços, mais dois braços, mais dois braços, mais dois braços são oito. Duas pernas...

Não viram ninguém, o que era ótimo. As poucas pessoas que tinham atividades legítimas na floresta – lenhadores, queimadores de carvão, fundidores de ferro – não trabalhariam naquele dia, e seria excepcional encontrar um grupo de nobres caçando no domingo. Os que por acaso se reunissem ali, naquele dia, só poderiam ser malfetores. Mas as chances de encontrá-los eram mínimas. A floresta era grande, estendia-se por muitos quilômetros. Merthin nunca viajara longe o bastante para ver o fim dela.

Alcançaram uma clareira grande e Merthin disse:

– Aqui está bom.

Havia um carvalho com um tronco largo no outro lado da clareira, a cerca de 15 metros de distância. Merthin ficou de lado para o alvo, como vira os homens fazerem. Pegou uma de suas três flechas e ajustou na corda do arco a ponta com uma reentrância. Tivera tanta dificuldade para fazer as flechas quanto para fabricar o arco. A madeira era freixo e as penas eram de ganso. Não conseguira arrumar ferro para as pontas, por isso se limitara a afiá-las e calciná-las, para que ficassem duras. Mirou o carvalho. Puxou a corda do arco. Precisou fazer o maior esforço. Lançou a flecha.

Caiu no chão antes de atingir o alvo. Hop, o cachorro, correu pela clareira para buscá-la.

Merthin ficou consternado. Esperava que a flecha voasse pelo ar, zunindo, e a ponta se cravasse no tronco. Compreendia agora que não puxara o arco o suficiente.

Tentou com o arco na mão direita e a flecha na esquerda. Era excepcional sob esse aspecto, porque não era canhoto nem destro, mas uma mistura. Com a segunda flecha, puxou ainda mais a corda e conseguiu dobrar mais o arco. Dessa vez, a flecha quase tocou o carvalho.

No terceiro disparo, ele apontou para cima, na esperança de que a flecha voasse

e descesse em cima do tronco. Mas exagerou na força e a flecha passou por entre os galhos, caindo no chão com uma chuva de folhas secas amareladas.

Merthin estava envergonhado. Atirar com um arco era mais difícil do que ele imaginara. O arco provavelmente era bom, ele refletiu, o problema era sua competência... ou, melhor, a falta dela. Mais uma vez, Caris pareceu não perceber seu constrangimento.

– Deixe-me tentar – pediu ela.

– Garotas não podem atirar – interveio Ralph e tirou o arco de Merthin.

Ficou de lado para o alvo, como Merthin fizera, mas não atirou de imediato; em vez disso, puxou o arco várias vezes, para ter uma noção. Como Merthin, descobriu que era mais duro do que previra a princípio. Mas, depois de um tempo, pareceu pegar o jeito.

Hop largara as três flechas aos pés de Gwenda, que então as pegou e as estendeu para Ralph.

Ele mirou sem puxar a corda, apontando a flecha para o tronco enquanto não havia pressão de seus braços. Merthin compreendeu que deveria ter feito isso. Por que essas coisas eram tão naturais para Ralph, que não era capaz de responder ao enigma mais simples? Ralph puxou a corda, não sem esforço, mas num movimento fluido, parecendo sustentar a tensão com as coxas. Soltou a flecha e acertou o tronco do carvalho, a ponta penetrando 2 ou 3 centímetros na casca externa mais mole. Ralph soltou uma risada triunfante.

Hop saiu correndo atrás da flecha. Parou quando alcançou a árvore, aturdido.

Ralph já estava puxando a corda do arco outra vez. Merthin percebeu o que ele tencionava fazer.

– Não...

Mas era tarde demais. Ralph atirou no cachorro. A flecha acertou o animal atrás do pescoço e afundou. Hop tombou para a frente e ficou se contorcendo.

Gwenda soltou um grito desesperado.

– Oh, não! – exclamou Caris.

As duas saíram correndo na direção do cachorro. Ralph exibiu um sorriso.

– O que acha disso? – indagou, orgulhoso.

– Você atirou no cachorro dela! – berrou Merthin, furioso.

– Não tem importância... O bicho só tinha três pernas!

– Mas a menina gostava dele, seu idiota! Olhe só como ela está chorando!

– Você só está com inveja porque não sabe atirar.

Alguma coisa atraiu a atenção de Ralph. Com um movimento ágil, ele prendeu outra flecha na corda, puxou-a, virou o arco e disparou, sem qualquer pausa.

Merthin não viu no que ele atirava, até que a flecha atingiu o alvo, uma lebre gorda saltando pelo ar, ferida nos quartos traseiros.

Merthin não pôde ocultar sua admiração. Mesmo com prática, nem todos conseguiam acertar uma lebre em disparada. Ralph possuía um talento natural. Merthin sentia inveja, embora nunca fosse admitir. Ansiava por ser um cavaleiro, bravo e forte, e lutar pelo rei, como o pai fazia, e ficou consternado ao descobrir que era um caso perdido, que nem sabia como atirar com arco e flecha.

Ralph pegou uma pedra e esmagou o crânio da lebre, acabando com seu sofrimento.

Merthin foi se ajoelhar ao lado das duas meninas e de Hop. O cachorro não respirava mais. Caris gentilmente tirou a flecha do pescoço dele e a entregou a Merthin. Não houve fluxo de sangue. Hop estava mesmo morto.

Por um momento, ninguém disse nada. No silêncio, ouviram um homem gritar.

Merthin se levantou de um pulo, o coração batendo forte. Ouviram outro grito, uma voz diferente: havia mais de uma pessoa. Eram vozes agressivas e furiosas. Havia uma luta ali perto. Merthin ficou apavorado, tanto quanto as outras crianças. Paralisados, escutando, eles ouviram outro som, o barulho de um homem correndo impetuoso pela floresta, pisando em galhos caídos, achatando arbustos novos, pisoteando folhas mortas.

E ele se aproximava da clareira.

– A moita! – Caris foi a primeira a falar, apontando para uma moita grande.

Era provavelmente o lugar em que se abrigava a lebre que Ralph matara, pensou Merthin. Um momento depois, Caris estava deitada de barriga para baixo, rastejando. Gwenda a seguiu, com o corpo de Hop nos braços. Ralph pegou a lebre morta e foi se juntar aos outros. Merthin estava de joelhos, vigiando a clareira, quando compreendeu que haviam deixado uma flecha denunciadora espetada no tronco do carvalho. Correu pela clareira, arrancou-a e voltou para mergulhar debaixo da moita.

Ouviram a respiração do homem antes de avistá-lo. Ofegava bastante enquanto corria, aspirando o ar com um esforço que indicava que quase não aguentava mais. Seus perseguidores continuavam a gritar, avisando um ao outro:

– Por aqui... ele seguiu nesta direção!

Merthin recordou que Caris dissera que não estavam longe da estrada. O homem em fuga seria um viajante atacado por salteadores?

Um momento depois, ele apareceu na clareira.

Era um cavaleiro, de 20 e poucos anos, com uma espada e uma adaga comprida presas no cinto. Estava bem-vestido, com uma túnica de couro para via-

gem e botas de cano alto, as bordas superiores viradas. Cambaleou e caiu, rolou, levantou-se, encostou-se no carvalho, ofegante. Sacou suas armas.

Merthin olhou para os outros. Caris estava pálida de medo, mordendo o lábio. Gwenda apertava o corpo do cachorro morto como se isso a fizesse se sentir mais segura. Ralph também parecia assustado, mas não o suficiente para impedi-lo de arrancar a flecha da lebre e meter a carcaça na túnica.

Por um momento, o cavaleiro olhou fixamente para a moita. Merthin sentiu, com um terror total, que ele vira as crianças escondidas ali. Ou talvez notasse os gravetos quebrados e as folhas pisoteadas por onde haviam passado. Pelo canto do olho, Merthin viu que Ralph prendia uma flecha no arco.

No instante seguinte, os perseguidores apareceram. Eram dois homens de armas, corpulentos, empunhando espadas. Usavam túnicas distintivas, de duas cores, o lado esquerdo amarelo, o lado direito verde. Um deles usava um manto marrom de lã ordinária, o outro, um manto preto encardido. Todos os três ficaram parados, recuperando o fôlego. Merthin teve certeza de que estava prestes a ver o cavaleiro ser retalhado até a morte e sentiu um impulso vergonhoso de chorar. Até que, subitamente, o cavaleiro virou a espada e a estendeu, o cabo virado para a frente, num gesto de rendição.

O mais velho dos homens de armas, o que usava o manto preto, adiantou-se e estendeu a mão esquerda. Cauteloso, pegou a espada estendida, entregou-a a seu companheiro e aceitou depois a adaga do cavaleiro, antes de dizer:

– Não são suas armas que eu quero, Thomas Langley.

– Você me conhece, mas eu não o conheço. – Se Thomas sentia algum medo, mantinha-o sob controle. – Pelas túnicas, devem ser homens da rainha.

O homem mais velho encostou a ponta da espada na garganta de Thomas e o empurrou contra a árvore.

– Você tem uma carta.

– Instruções do conde para o xerife sobre a questão dos impostos. Pode ler à vontade.

Era uma piada. Os homens de armas, quase com certeza, não sabiam ler. Thomas tinha muita coragem e calma, pensou Merthin, para escarnecer de homens que pareciam dispostos a matá-lo.

O segundo homem de armas passou por baixo da espada do primeiro e pegou a carteira presa no cinto de Thomas. Impaciente, cortou o cinto com sua espada. Jogou o cinto para o lado e abriu a carteira. Tirou uma bolsa pequena, que parecia ser feita de lã oleada. Pegou um pergaminho enrolado, lacrado com cera.

Aquela luta poderia ser apenas por causa de uma carta?, especulou Merthin. Se

era isso mesmo, então o que havia no pergaminho? Não era provável que fossem instruções rotineiras sobre impostos. Algum terrível segredo devia estar escrito ali.

– Se você me matar – disse o cavaleiro –, o crime será testemunhado por quem se esconde naquela moita.

A cena congelou por uma fração de segundo. O homem de manto preto manteve a espada encostada na garganta de Thomas, resistindo à tentação de olhar para trás. O homem de verde hesitou, mas acabou fitando a moita.

Foi nesse instante que Gwenda gritou.

O homem de verde ergueu a espada e deu duas passadas largas através da clareira, na direção da moita. Gwenda se levantou e saiu correndo, deixando a folhagem. O homem de armas partiu em seu encalço, estendendo a mão para agarrá-la.

Ralph também se levantou. Ergueu o arco e disparou a flecha contra o homem, no mesmo movimento. Ela o acertou no olho e afundou na cabeça dele por alguns centímetros. O homem ergueu a mão esquerda, como se quisesse pegar a flecha e arrancá-la, mas depois ficou inerte e caiu como um saco de trigo, batendo no chão com um baque tão forte que Merthin pôde sentir o tremor.

Ralph também saiu correndo e seguiu Gwenda. De soslaio, Merthin percebeu que Caris agora corria atrás deles. Ele queria fugir também, mas seus pés pareciam enraizados no solo.

Soou um grito no outro lado da clareira. Merthin viu que Thomas derrubara a espada que o ameaçava e sacara, de algum lugar do corpo, um pequeno punhal. A lâmina tinha a extensão da mão de um homem. Mas o homem de armas de manto preto estava alerta e pulou para trás, fora do alcance da faca. Depois, ergueu a espada e desferiu um golpe, mirando na cabeça do cavaleiro.

Thomas se esquivou, mas não com rapidez suficiente. O gume da lâmina atingiu seu braço esquerdo, cortando o couro e alcançando a carne. Ele soltou um uivo de dor, mas não caiu. Com um movimento rápido, que pareceu extremamente gracioso, levantou a mão direita, atingiu a garganta do oponente e, com a mão ainda em movimento, descrevendo um arco, puxou a faca para o lado, rasgando o pescoço dele.

O sangue esguichou como água saindo de uma fonte. O homem de preto tombou, a cabeça ligada ao corpo apenas por uma pequena tira.

Thomas largou o punhal e estendeu a mão direita para segurar o braço esquerdo ferido. Sentou-se no chão, parecendo subitamente fraco.

Merthin estava sozinho com o cavaleiro ferido, dois homens de armas mortos e o cadáver de um cachorro de três pernas. Sabia que deveria correr atrás das

outras crianças, mas a curiosidade prevaleceu. Thomas parecia agora inofensivo, disse a si mesmo.

O cavaleiro tinha uma boa vista.

– Pode sair da moita agora – disse ele. – Não represento perigo para você no estado em que me encontro.

Hesitante, Merthin se levantou e saiu da moita. Atravessou a clareira e parou a alguns passos de distância do cavaleiro sentado no chão.

– Será açoitado se descobrirem que brincava na floresta – disse Thomas.

Merthin acenou com a cabeça, concordando.

– Guardarei seu segredo se você guardar o meu.

Merthin tornou a acenar com a cabeça. Na verdade, não estava fazendo concessões ao aceitar o acordo. Nenhuma das crianças contaria o que vira. Haveria problemas incalculáveis se falassem. O que aconteceria com Ralph, que matara um dos homens da rainha?

– Poderia fazer o favor de me ajudar a passar uma atadura neste ferimento? – pediu Thomas.

Apesar de tudo o que acontecera, ele falava com extrema cortesia, pensou Merthin. O autocontrole do cavaleiro era extraordinário. Merthin sentiu que queria ser como ele quando crescesse.

Após um longo esforço, a garganta apertada de Merthin conseguiu soltar uma palavra:

– Claro.

– Pegue aquele cinto rasgado e enrole no meu braço.

Merthin fez o que ele mandou. A camisa de Thomas estava encharcada de sangue e a carne do braço, aberta como um pedaço de carne no cepo do açougueiro. Merthin ficou um pouco nauseado, mas se forçou a passar o cinto em torno do braço de Thomas, para fechar o ferimento e diminuir a hemorragia. Deu um nó e o homem usou a mão direita para apertá-lo o máximo possível.

Depois, com um enorme esforço, Thomas conseguiu se levantar. Olhou para os homens mortos.

– Não podemos enterrá-los. Eu sangraria até a morte antes que terminasse de cavar as sepulturas. – Lançou um olhar para Merthin. – Mesmo com você me ajudando.

Thomas pensou por um momento.

– Por outro lado, não quero que sejam encontrados por um casal de namorados procurando um lugar para... ficar a sós. Vamos arrastar os corpos para a moita em que vocês se esconderam. O homem do manto verde primeiro.

Os dois foram até os mortos.

– Cada um segura uma perna – disse Thomas.

Com a mão direita, ele pegou o tornozelo esquerdo do homem. Merthin pegou o outro pé, com as duas mãos. Juntos, arrastaram o corpo até a moita e o deixaram ao lado do de Hop.

– Aqui está bom – decidiu Thomas.

Ele tinha o rosto lívido de tanta dor. Passado um momento, abaixou-se e arrancou a flecha do olho do morto.

– É sua? – indagou, alteando uma sobrancelha.

Merthin pegou a flecha e a limpou na terra, para remover o sangue e o pedaço de cérebro que tinha grudado. Em seguida, arrastaram o corpo do outro homem através da clareira, da mesma maneira, a cabeça quase solta balançando. Deixaram-no ao lado do primeiro.

Thomas pegou as espadas de seus dois perseguidores e as jogou na moita. Depois recuperou suas armas.

– Agora, tenho de pedir que me faça um grande favor. – Thomas estendeu a adaga. – Pode cavar um pequeno buraco para mim?

– Está bem.

Merthin pegou a adaga.

– Bem aqui, na frente do carvalho.

– De que tamanho?

Thomas pegou a carteira de couro presa em seu cinto.

– Grande o suficiente para esconder isto por cinquenta anos.

Merthin tomou coragem para perguntar:

– Por quê?

– Cave e lhe contarei tudo o que posso contar.

Merthin fez um quadrado no solo com a adaga e a usou para afogar a terra fria, antes de retirá-la com as mãos. Thomas pegou o pergaminho, colocou-o na bolsa de lã e o ajeitou dentro da carteira.

– Recebi esta carta para entregar ao conde de Shiring. Mas contém um segredo tão perigoso que compreendi que o portador seria morto, para se ter certeza de que nunca iria revelá-lo. Por isso, eu precisava desaparecer. Decidi que procuraria abrigo num mosteiro e me tornaria monge. Estou cansado de lutar e tenho muitos pecados de que me arrependo. Assim que perceberam meu desaparecimento, as pessoas que me deram a carta começaram a me procurar... e tive azar. Fui visto e reconhecido numa taverna em Bristol.

– Por que os homens da rainha o perseguiram?

– Ela também gostaria de impedir a revelação do segredo.

Quando o buraco cavado por Merthin tinha quase meio metro de profundidade, Thomas disse:

– Já é o suficiente.

Ele largou a carteira no buraco. Merthin o tapou com a terra retirada. Thomas cobriu a terra revirada com folhas e gravetos até que ficou indistinguível da área ao redor.

– Se souber que eu morri, gostaria que abrisse o buraco e entregasse a carta a um padre – pediu Thomas. – Pode fazer isso por mim?

– Claro.

– Até que isso aconteça, não deve contar a ninguém. Enquanto souberem que tenho a carta mas ignorarem a localização dela, terão medo de fazer qualquer coisa. Mas, se você revelar o segredo, duas coisas vão acontecer. Primeiro, eles me matarão. Depois, matarão você.

Merthin ficou transtornado. Era injusto que corresse tanto perigo só porque ajudara um homem, cavando um buraco.

– Lamento assustá-lo – acrescentou Thomas. – Mas a culpa também não é toda minha. Afinal, não pedi que viesse até aqui.

– Não, não pediu.

Merthin desejou com toda a força do coração ter obedecido às ordens da mãe e se mantido longe da floresta.

– Voltarei para a estrada agora. Por que você não retorna pelo caminho por onde veio? Aposto que encontrará seus amigos esperando em algum lugar perto daqui.

Merthin se virou para ir embora.

– Qual é o seu nome? – perguntou Thomas, antes que ele se afastasse.

– Merthin, filho de sir Gerald.

– É mesmo? – disse Thomas, como se conhecesse o pai. – Não conte nada, nem mesmo para ele.

Merthin assentiu e partiu.

Depois de percorrer 50 metros, vomitou. E sentiu-se um pouco melhor.

Como Thomas previra, os outros o esperavam nos limites da floresta, perto da serraria. Agruparam-se ao seu redor, tocando-o, como se quisessem se certificar de que ele estava mesmo bem. Pareciam aliviados, mas também envergonhados, como se sentissem culpa por tê-lo deixado para trás. Estavam todos abalados, até mesmo Ralph, que balbuciou:

– Aquele homem... em quem acertei a flecha... Ele ficou muito ferido?

- Ele morreu – disse Merthin, mostrando a flecha, ainda suja de sangue.
- Arrancou do olho dele?

Merthin gostaria de dizer que sim, mas decidiu falar a verdade:

- Foi o cavaleiro quem tirou.
- O que aconteceu com o outro homem de armas?
- O cavaleiro cortou a garganta dele. Depois escondemos os corpos na moita.
- E ele deixou você ir embora?
- Deixou. – Merthin não disse nada sobre a carta enterrada.
- Temos de guardar segredo – instou Caris. – Haverá problemas terríveis se

alguém descobrir.

- Nunca contarei a ninguém – disse Ralph.
- Devemos fazer um juramento – insistiu Caris.

Formaram um pequeno círculo. Caris estendeu o braço para que sua mão ficasse no centro. Merthin pôs sua mão por cima. A pele de Caris era macia e quente. Ralph e Gwenda uniram suas mãos às dos outros dois. Juraram pelo sangue de Jesus.

E voltaram à cidade.

A prática de arco e flecha já tinha terminado e se aproximava o momento da refeição do meio-dia. Ao atravessarem a ponte, Merthin comentou com Ralph:

- Quando eu crescer, quero ser como aquele cavaleiro... sempre cortês, sem nunca sentir medo, mortífero numa luta.

- Eu também – disse Ralph. – Quero ser mortífero.

Na cidade, Merthin experimentou um sentimento irracional de surpresa por descobrir que a vida normal continuava: o som de bebês chorando, o cheiro de carne assando, homens tomando cerveja do lado de fora das tavernas.

Caris parou diante de uma casa enorme, na rua principal, na frente da entrada para o priorado. Apontou para ela e disse a Gwenda:

- Minha cadela acaba de ter filhotes. Quer vê-los?

Gwenda ainda parecia assustada, à beira das lágrimas, mas acenou com a cabeça, enfática.

- Quero, sim, por favor.

Era uma manobra hábil, além de gentil, pensou Merthin. Os filhotes seriam um conforto para a menina... e também uma distração. Quando voltasse para sua família, contaria sobre os filhotes e era menos provável que falasse da aventura na floresta.

Despediram-se. As meninas entraram na casa. Merthin se descobriu pensando em quando veria Caris de novo.

Até que se lembrou dos outros problemas. O que o pai faria em relação às dívidas? Merthin e Ralph chegaram ao adro da catedral. Ralph ainda levava a lebre morta e o arco. O lugar estava calmo.

O hospital estava vazio, exceto por uns poucos doentes.

– Seu pai está na catedral, com o conde de Shiring – informou uma freira.

Os dois garotos entraram na vasta catedral. Os pais estavam no vestibulo. A mãe se achava sentada junto de uma coluna, no canto em que a parte redonda da estrutura se aproximava da base quadrada. À luz fria que passava pelas janelas altas, seu rosto era sereno, quase esculpido da mesma pedra cinzenta do pilar em que encostava a cabeça. O pai se mantinha de pé ao seu lado, os ombros largos arriados numa atitude de resignação. O conde Roland se encontrava na frente dos dois. Era mais velho do que o pai, mas parecia mais jovem por causa dos cabelos pretos e dos movimentos vigorosos. O prior Anthony estava ao lado do conde.

Os dois meninos recuaram quando viram a cena, mas a mãe fez sinal para que se adiantassem.

– Venham até aqui – disse ela. – O conde Roland nos ajudou a chegar a um acordo que resolve todos os nossos problemas com o prior Anthony.

O pai soltou um grunhido, como se não se sentisse tão grato quanto a mãe pelo que o conde fizera.

– E o priorado fica com as minhas terras – disse ele. – Vocês dois não herdarão nada.

– Passaremos a viver aqui, em Kingsbridge – explicou a mãe, em tom mais animado. – Seremos pensionários do priorado.

– O que é um pensionário? – perguntou Merthin.

– Significa que os monges nos darão uma casa para viver e duas refeições por dia pelo resto de nossas vidas. Não é maravilhoso?

Merthin compreendeu que ela não pensava de fato que era maravilhoso. Apenas fingia estar satisfeita. Já o pai sentia uma vergonha evidente por ter perdido suas terras. Havia mais do que uma insinuação de desgraça nisso, concluiu Merthin. O pai olhou para o conde.

– O que vai acontecer com meus meninos?

O conde Roland se virou para examiná-los.

– O maior parece promissor – disse ele. – Foi você que matou essa lebre?

– Fui eu, sim, milorde – respondeu Ralph, orgulhoso. – Acertei-a com uma flecha.

– Ele pode me procurar dentro de poucos anos para ser escudeiro – disse imediatamente o conde. – Faremos dele um cavaleiro.

O pai pareceu satisfeito.

Merthin ficou atordoado. Grandes decisões estavam sendo tomadas muito depressa. Estava indignado pelo fato de o irmão mais jovem ser privilegiado, e não fazerem nenhuma menção a ele.

– Isso não é justo! – protestou Merthin. – Também quero ser um cavaleiro!

– Não! – exclamou a mãe.

– Mas eu fiz o arco!

O pai deixou escapar um suspiro exasperado.

– Foi você quem fez o arco, pequeno? – disse o conde, com uma expressão desdenhosa. – Nesse caso, será aprendiz de carpinteiro.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br